



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ERA DIGITAL: A FORMAÇÃO DOCENTE COMO CAMINHO PARA A INCLUSÃO

SANTOS, Cristiane Carrara Silva¹

¹ Analista Técnico Educacional da Supervisão de Projetos Educacionais Nova EJA. E-mail: cristiane.carrara@sesisp.org.br

RESUMO

O presente artigo analisa os desafios e as possibilidades do uso de tecnologias digitais, especialmente o smartphone, no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), compreendendo o letramento digital como elemento essencial dos processos de inclusão e cidadania. O objetivo é refletir sobre como os dispositivos móveis podem ser utilizados como instrumentos pedagógicos capazes de promover práticas de letramento significativas e contextualizadas, alinhadas às experiências e realidades socioculturais dos estudantes. A fundamentação teórica apoia-se nas contribuições de Magda Soares (2004, 2020) e Ângela Kleiman (2006, 2007, 2012), que concebem o letramento como prática social e defendem a importância de metodologias baseadas em projetos. Adota-se uma abordagem qualitativa e exploratória, ancorada em experiências pedagógicas desenvolvidas na EJA que integram o uso de dispositivos digitais ao ensino da língua materna. Os resultados evidenciam que o uso pedagógico de smartphones potencializa a autonomia, a interação e o protagonismo dos estudantes, ampliando o acesso à cultura escrita e à participação social. Conclui-se que a formação docente voltada para o letramento digital é condição indispensável para consolidar práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras, que reconhecem os sujeitos da EJA como produtores de conhecimento na era digital.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Letramento Digital; Formação Docente.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se como uma modalidade essencial para a garantia do direito à educação, previsto na Constituição Federal de 1988 e reafirmado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996). Voltada para sujeitos que, por diversos motivos, não tiveram acesso ou continuidade nos estudos durante a infância e adolescência, a EJA cumpre um papel social reparador e emancipatório, promovendo o resgate da cidadania e o reconhecimento dos saberes construídos nas trajetórias de vida e trabalho (CURY, 2002; DI PIERRO, 2000).

Nas últimas décadas, o avanço das tecnologias digitais tem transformado profundamente as formas de comunicação, produção de conhecimento e interação social. Nesse contexto, a escola é desafiada a repensar suas práticas pedagógicas, incorporando linguagens e ferramentas digitais que dialoguem com as experiências contemporâneas de leitura e escrita. No caso da EJA, tal desafio é ainda mais significativo, pois envolve um público diverso, marcado por desigualdades sociais, econômicas e tecnológicas, mas também por ricas experiências culturais e comunicativas.

Segundo dados da 35ª Pesquisa Anual do Centro de Tecnologia de Informação Aplicada (FGVcia, 2024), o Brasil possui cerca de 258 milhões de smartphones em uso — o que equivale a aproximadamente 1,2 aparelho por habitante. Esse cenário evidencia a expansão do acesso às tecnologias móveis e, ao mesmo tempo, a necessidade de promover a inclusão digital como parte da inclusão educacional. Os dispositivos móveis, amplamente disseminados entre os estudantes da EJA, podem ser compreendidos como ferramentas de mediação pedagógica potentes, capazes de integrar o universo digital às práticas de ensino e aprendizagem.

Diante disso, torna-se urgente refletir sobre a formação docente na era digital e sua importância para a construção de práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. Inspirado na concepção freireana de educação como prática de liberdade (FREIRE, 2001), este artigo discute de que modo o uso pedagógico dos smartphones pode contribuir para o desenvolvimento do letramento digital e para o fortalecimento da autonomia e do protagonismo dos sujeitos da EJA. Parte-se da premissa de que o letramento digital não se limita ao acesso às tecnologias, mas envolve a capacidade crítica, criativa e ética de utilizá-las como instrumentos de aprendizagem e de transformação social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sido compreendida como uma modalidade educativa voltada à reparação de desigualdades históricas e sociais no acesso ao conhecimento. Para Cury (2002, 2003, 2008), a EJA expressa o direito público subjetivo à educação e representa um instrumento de inclusão social e exercício da cidadania. Sob essa perspectiva, o ato de aprender na idade adulta é também um ato político e emancipatório, na medida em que possibilita ao sujeito reconstruir sua história e reconhecer-se como protagonista de sua própria formação.

Nesse contexto, a alfabetização e o letramento assumem centralidade. Conforme Soares (2004, 2020), alfabetizar e letrar são processos complementares: alfabetizar é apropriar-se do sistema alfabético de escrita, enquanto letrar é participar das práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Essa distinção é especialmente relevante na EJA, uma vez que muitos estudantes chegam à escola com experiências de vida ricas em práticas comunicativas, mas com pouco contato com a linguagem escrita formal. Assim, o papel do educador é mediar o encontro entre os saberes cotidianos e os saberes escolares, favorecendo o desenvolvimento da

autonomia e da criticidade.

Ferreiro (1989, 2001) contribui com uma perspectiva construtivista sobre a alfabetização, defendendo que o aprendiz é sujeito ativo na construção de hipóteses sobre o funcionamento da escrita. Essa compreensão reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a experimentação e a produção textual significativa. Na EJA, essa abordagem é essencial, pois considera a heterogeneidade das trajetórias dos alunos e reconhece o erro como parte integrante do processo de aprendizagem.

Kleiman (2006, 2007, 2012) amplia o conceito de letramento ao concebê-lo como prática social situada. A autora propõe que o ensino da língua materna na EJA seja estruturado por meio de projetos de letramento, capazes de articular as experiências culturais dos estudantes com as demandas da escolarização. O letramento digital surge como extensão contemporânea dessas práticas, exigindo do educador novas formas de mediação.

Com o avanço das tecnologias digitais, o conceito de letramento se expande para incluir a dimensão do letramento digital, entendido como a capacidade de utilizar, compreender e produzir conteúdos em ambientes tecnológicos de forma crítica, criativa e ética. O uso de smartphones, aplicativos e redes sociais no contexto escolar pode favorecer o protagonismo dos estudantes e fortalecer a relação entre escola, comunidade e mundo do trabalho.

Freire (2001, 2019) propõe uma educação dialógica e libertadora, em que o ato de ensinar implica também aprender com o outro. Nessa perspectiva, o educador é um mediador que reconhece a linguagem dos educandos e parte de sua realidade concreta para construir novos saberes. A inserção das tecnologias digitais na EJA deve, portanto, inspirar-se nessa concepção freireana, promovendo uma pedagogia crítica, participativa e sensível às condições de vida dos sujeitos.

A formação docente, nesse cenário, assume papel fundamental. O professor da EJA precisa estar preparado para compreender os múltiplos letramentos que atravessam o cotidiano de seus estudantes — do letramento funcional ao digital, passando pelas práticas de oralidade, trabalho e cultura. Di Pierro (2000, 2010) enfatiza que a valorização da diversidade e o respeito às experiências de vida são condições indispensáveis para a eficácia das políticas públicas voltadas à EJA. Dessa forma, o investimento em formação continuada deve priorizar o desenvolvimento de competências tecnológicas, pedagógicas e éticas, que permitam ao docente atuar de forma crítica diante das novas demandas da sociedade digital.

Para identificar as necessidades desta reconstrução democrática por meio da modalidade educação de jovens e adultos, segundo os estudos da Fundação - Itaú Educação e Trabalho em parceria com a Fundação Roberto Marinho: “a EJA precisa ser tratada como prioridade do Estado brasileiro, diante de um passivo educacional expressivo: em 2024, cerca de 66,6 milhões de brasileiros com 15 anos ou mais não tinham concluído a educação básica. De acordo com o Censo 2022, 11,4 milhões eram analfabetos.” diante deste cenário com números tão expressivos que comprometem o direito constitucional e a capacidade de transpor as barreiras das desigualdades na empregabilidade e renda para promover o desenvolvimento de toda a nação brasileira.

RESULTADOS E ANÁLISE

As atividades desenvolvidas com o uso de smartphones na EJA demonstraram avanços significativos no processo de letramento inicial e digital. No plano de aula “Minha primeira palavra na tela”, os estudantes foram convidados a digitar, pela primeira vez, palavras que representavam sua identidade — como *família*, *fé*, *alegria* — utilizando o teclado do próprio

celular em uma ferramenta interativa e gamificada. Essa prática simples, mas altamente simbólica, promoveu segurança e pertencimento ao mundo digital, favorecendo a alfabetização inicial e o reconhecimento da escrita como uma prática social viva e significativa (SOARES, 2004; FERREIRO, 2001).

A interação no grupo de WhatsApp da turma ampliou o engajamento e fortaleceu vínculos afetivos, transformando o espaço digital em ambiente de aprendizagem colaborativo. O uso de emojis e imagens complementou a expressão escrita, introduzindo os estudantes às múltiplas linguagens do letramento digital (KLEIMAN, 2007).

Na sequência, o projeto Interáreas, abrangendo às áreas de conhecimento: linguagens, matemática, ciências da Natureza e ciências humanas - “Meu bairro em foco” potencializou o uso dos smartphones como instrumentos de pesquisa e produção de conhecimento. Os estudantes registraram, por meio de fotografias, vídeos e mapas digitais, os espaços de convivência, memória e desafios de suas comunidades. Essa atividade possibilitou a construção de narrativas autorais e o reconhecimento do território como espaço pedagógico, promovendo um diálogo entre o conhecimento escolar e os saberes de experiência (FREIRE, 2001; DI PIERRO, 2010).

A análise das produções mostrou que o uso das tecnologias estimulou o pensamento crítico, a autonomia e a cooperação. Os estudantes compreenderam a importância da ética digital, da privacidade e do uso responsável das imagens, discutindo coletivamente os impactos sociais da tecnologia. Tais resultados confirmam que o letramento digital, quando mediado pedagogicamente, amplia o repertório comunicativo e cognitivo dos sujeitos da EJA, contribuindo para o fortalecimento da cidadania e da inclusão social.

Além disso, a pesquisa da FGVcia (2024) evidencia que o país possui cerca de 480 milhões de dispositivos digitais em uso, o que equivale a 2,2 por habitante, e 258 milhões de smartphones ativos — dado que reforça a relevância de práticas pedagógicas que incorporem o uso consciente das tecnologias. Assim, a formação docente emerge como elemento essencial para a consolidação de práticas inovadoras e inclusivas, capazes de transformar a escola em espaço de letramento crítico e emancipatório (CURY, 2002; KLEIMAN, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adotar uma abordagem qualitativa e exploratória, este estudo buscou compreender de que modo as experiências pedagógicas desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), mediadas pelo uso de dispositivos digitais, podem contribuir para a ampliação do letramento e da inclusão social. A análise das práticas revelou que o uso pedagógico dos smartphones não apenas favorece a alfabetização e o letramento inicial, mas também estimula o desenvolvimento da autonomia, da interação e do protagonismo dos estudantes, permitindo-lhes reconhecer-se como sujeitos ativos da cultura escrita e digital.

O envolvimento dos educandos nas atividades de escrita, leitura e produção multimodal evidenciou um processo de aprendizagem significativo e transformador. Os dispositivos digitais deixaram de ser meros instrumentos de comunicação para se tornarem mediadores de práticas de linguagem e de construção de sentidos. Ao interagir com textos, imagens, vídeos e áudios, os estudantes ampliaram sua compreensão sobre o papel social da escrita, aproximando a escola de suas vivências cotidianas.

Constatou-se que o uso dos smartphones, articulado a metodologias participativas, promove a aprendizagem colaborativa e fortalece os vínculos entre os sujeitos. A utilização de grupos de mensagens instantâneas, por exemplo, configurou-se como um espaço de diálogo e apoio mútuo, no qual o conhecimento foi construído de forma coletiva e contextualizada. Essa dinâmica reafirma o potencial das tecnologias móveis como instrumentos de democratização do

saber e de superação de barreiras socioculturais.

Do ponto de vista docente, a pesquisa reforça a necessidade de uma formação voltada ao letramento digital e às competências pedagógicas que permitam integrar criticamente as tecnologias ao currículo da EJA. A mediação do professor é o que transforma a tecnologia em ferramenta de emancipação, pois orienta o estudante a utilizá-la de forma crítica, ética e criativa. Assim, o papel do educador não é apenas o de transmissor de conteúdos, mas o de facilitador de experiências de aprendizagem que despertem o interesse, a reflexão e a autoria dos educandos.

Conclui-se que o uso pedagógico dos smartphones, quando inserido em uma prática educativa planejada, intencional e dialógica contribui de forma significativa para a construção de uma EJA mais inclusiva, participativa e conectada com as demandas do século XXI. O letramento digital, enquanto ampliação do letramento tradicional, torna-se caminho para o exercício da cidadania e da autonomia intelectual, permitindo que jovens e adultos possam interagir de maneira crítica com os múltiplos discursos e linguagens que permeiam a sociedade contemporânea.

Dessa forma, a experiência relatada neste artigo demonstra que a integração entre tecnologia, letramento e formação docente pode transformar o espaço escolar em um ambiente de produção cultural, diálogo e emancipação. A escola, ao reconhecer os saberes e as trajetórias dos estudantes da EJA assume o compromisso de promover uma educação que não apenas ensina a ler e escrever, mas que forma cidadãos capazes de compreender, criar e intervir no mundo em que vivem — tanto no espaço físico quanto no digital.

REFERÊNCIAS

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação como direito público subjetivo: fundamentos filosófico-políticos*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, p. 7–20, jan./abr. 2003.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação de jovens e adultos e o direito à educação*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 13–26, jul. 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação e direitos humanos: fundamentos filosófico-políticos*. In: CATANI, Afrânio Mendes; DOURADO, Luiz Fernandes (org.). *Educação, direitos humanos e diversidade*. São Paulo: Xamã, 2008. p. 35–56.

DI PIERRO, Maria Clara. *Educação de jovens e adultos: desafios e perspectivas*. Cadernos CENPEC, São Paulo, n. 2, p. 179–200, 2000.

DI PIERRO, Maria Clara. *Educação de jovens e adultos no Brasil: desafios da diversidade*. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, v. 21, n. 47, p. 37–58, jan./abr. 2010.

FERREIRO, Emília. *Alfabetização em processo*. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

Itaú Educação e Trabalho; Fundação Roberto Marinho. *Educação de Jovens e Adultos: Acesso,*

Conclusão e Impactos sobre Empregabilidade e Renda. São Paulo: Itaú Educação e Trabalho / Fundação Roberto Marinho, 2025. Disponível em: <https://www.itaueducacaoetrabalho.org.br/biblioteca/publicacoes/educacao-de-jovens-e-adultos-acesso-conclusao-e-impactos-sobre-empregabilidade-e-renda> Acesso em: 05 nov. 2025.

KLEIMAN, Ângela B. *EJA e o ensino da língua materna: relevância dos projetos de letramento*. EJA em Debate, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 23–38, nov. 2012. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/874>. Acesso em: 29 jul. 2025.

KLEIMAN, Ângela B. *Letramento e escolarização*. In: SOARES, Magda; KLEIMAN, Ângela B. (org.). *Letramento como prática social*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15–31.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. 6. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento: questões e perspectivas*. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 17. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGVcia). *35ª Pesquisa Anual do Centro de Tecnologia de Informação Aplicada*. São Paulo: FGV EAESP, jun. 2024.